

Análise Econômico-financeira nos principais Bancos digitais, no período de 2018 a 2020.

Economic and Financial Analysis in the main digital banks, from 2018 to 2020.

Moisés de Moura Henrique¹
Cássio Rodrigo da Costa Almeida²

RESUMO

Os Bancos digitais ascendem como tendência tecnológica no contexto atual, promovendo facilidades aos usuários referentes aos serviços e produtos disponibilizados por estes. Nesse sentido, o presente artigo analisa a aplicação dos índices de Liquidez, Endividamento e Rentabilidade nos Demonstrativos contábeis dos principais bancos digitais no período de 2018 a 2020, com a finalidade de avaliar o desempenho econômico-financeiro dessas instituições bancárias, elucidando seus aspectos relevantes. Quanto à metodologia, tem-se que a pesquisa é qualitativa, classificando-se como descritiva, documental e bibliográfica, em virtude de descrever características relativas aos bancos digitais, sendo o trabalho elaborado com base em apresentações de relatórios contábeis já publicados. Os resultados apresentados destacam a capacidade de pagamento no triênio, pois para cada R\$1,00 de obrigações, os bancos Inter e Nubank possuem respectivamente, média de liquidez corrente de R\$1,05 e R\$ 51,57, bem como as médias de R\$ 22,49 e R\$6,06 referentes a Garantia de capital próprio sobre os recursos de terceiros, além de demonstrar que houve apenas 3,20% em média de retorno para cada R\$100,00 de capital investido no Inter, enquanto o Nubak não obteve retorno do capital investido ao evidenciar percentual negativo de -18,85% para o mesmo triênio. Entretanto, os dados demonstram que esses bancos estrategicamente optam por investir no curto prazo, priorizando o capital de terceiros em elevados índices de endividamento e sacrificando os lucros para obtenção de crescimento estruturante e implantação de métodos de proteção financeira. Diante do exposto, conclui-se que a referida pesquisa contribui para a ampliação do conhecimento no âmbito dos bancos digitais, agregando implicações sociais que envolvem o modelo financeiro digital representado pelos bancos Inter e Nubank para os *stakeholders*. Outrossim, sugere-se ampliar a amostra, incluindo as fintechs no contexto internacional e a mensuração do perfil de clientes das instituições digitais.

Palavras-chave: bancos digitais; indicadores; demonstrações contábeis.

ABSTRACT

Digital banks emerge as a technological trend in the current context, providing users with facilities related to the services and products they provide. In this sense, this article analyzes

¹ Graduando em Ciências Contábeis na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Email:mourahmoises@gmail.com

² Docente do Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Email:cassiorodrigocontabilidade@hotmail.com

the application of the Liquidity, Indebtedness and Profitability indices in the Financial Statements of the main digital banks for the period 2018 to 2020, in order to assess the economic and financial performance of these banking institutions, elucidating their relevant aspects. As for the methodology, the research is qualitative, being classified as descriptive, documental and bibliographical, as it describes characteristics related to digital banks, and the work is prepared from presentations of published accounting reports. The results presented highlight the payment capacity in the three-year period, as for every R\$1.00 of obligations, Inter and Nubank banks have, respectively, average current liquidity of R\$1.05 and R\$51.57, in addition to averages of BRL 22.49 and BRL 6.06 referring to the Equity Guarantee on third-party funds, in addition to demonstrating that there was only 3.20% of average return for every BRL 100.00 of capital invested in Inter, while the Nubank did not return on invested capital with a negative percentage of -18.85% for the same three-year period. However, the data show that these banks strategically choose to invest in the short term, prioritizing debt capital at high indebtedness ratios and sacrificing profits to achieve structural growth and implement methods of financial protection. Given the above, it is concluded that this research contributes to the expansion of knowledge within the scope of digital banks, adding social implications involving the digital financial model represented by Inter and Nubank banks for stakeholders. In addition, it is suggested to expand the sample, including fintechs in the international context and measuring the profile of customers of digital institutions.

Keywords: digital banks; indicators; accounting statements.

1 INTRODUÇÃO

No atual cenário econômico, tem se intensificado as transformações disruptivas sofridas no âmbito das instituições financeiras. Conforme pesquisa realizada pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN, 2019), ano base 2019, houve acréscimo concernente aos investimentos em tecnologia em torno de 48% na rede bancária, demonstrando ainda uma evolução orçamentária em modernização de 24% em 2019, em comparação ao exercício anterior. Em contrapartida, conforme explana Marques (2019), os bancos tradicionais, com seus modelos de tarifas, juros elevados e serviços insatisfatórios, se esforçam para alinhar seus métodos às novas realidades tecnológicas, pois sofreram queda gradativa nas participações totais referentes às transações em agências, encolhendo de 9% em 2016 para 6% em 2019 (FEBRABAN, 2020).

Quanto aos objetivos, os bancos digitais ascendem como uma proposta de facilitar o acesso e baratear os custos aos usuários, desburocratizando os procedimentos e ampliando os serviços (MARQUES, 2019). Dessa forma, esses novos modelos de mecanismos financeiros emergem no mercado através de plataformas digitais e aplicativos, obtendo grande aceitação por atender as necessidades do consumidor de forma instantânea. Ainda nesse âmbito, cabe destacar que Taurion (2016) aduz que essas inovações no campo dos negócios trazem também vantagens ao mercado que versam desde maior simplicidade até um baixo custo envolvendo as operações bancárias.

No que diz respeito aos bancos digitais, Marques (2019) afirma que a evolução no mercado bancário através da criação dessas instituições, atuando de forma remota, proporcionou o acesso facilitado a serviços e produtos de forma on-line, possibilitando um atendimento mais eficaz ao cliente, promovendo um relacionamento digital fidelizado e maior rentabilidade. Logo, nota-se que tais instituições surgem na tentativa de suprir as vacâncias deixadas pelos modelos bancários tradicionais. Ainda nessa linha contextual, o cofundador do FintechLab, Bradaschia (2020), evidencia que uma expressiva quantidade de 270 novas fintechs

foram descobertas na edição do Radar FintechLab feita em agosto de 2020, e enfatiza uma possível conexão com a consolidação de uma segunda afluência de entidades financeiras que já nascem buscando uma adaptação ao novo ambiente de negócios.

Ademais, pesquisas anteriores sobre a temática em questão, abordam a relevância do desenvolvimento dos bancos digitais frente ao avanço tecnológico, trazendo análises comparativas entre esses e os bancos tradicionais. Nesse aspecto, cabe destacar o estudo realizado por Marcelino (2018), no qual se faz contraste acerca da eficiência e rentabilidade do banco digital Inter com instituições financeiras tradicionais, utilizando indicadores como de capital e risco, rentabilidade e outros, concluindo que o modelo de negócios que o banco Inter desenvolve tem o potencial de retribuições mais eficientes comparado ao modelo bancário tradicional.

Andrade (2019), desenvolveu uma pesquisa através de análise comparativa acerca do desempenho financeiro de bancos digitais e bancos tradicionais, trabalhando uma amostra de 18 bancos tradicionais e 4 bancos digitais, coletando os dados no sistema IF-data, disponibilizada no site do Banco Central do Brasil. Os resultados obtidos trazem que os bancos digitais têm resultados mais positivos em comparação com os bancos tradicionais no Índice de Eficiência Operacional. Ainda nesse aspecto, os bancos digitais conseguiram melhores resultados do ROA nos anos de 2015 e 2017 e um melhor resultado no índice da Margem Líquida no ano de 2017.

Dada a relevância das empresas digitais no atual mercado brasileiro, busca-se responder a seguinte questão: **Qual o desempenho econômico-financeiro dos principais bancos digitais, no período de 2018 a 2020?** Destarte, o objetivo da pesquisa é analisar o desempenho tanto no aspecto econômico quanto financeiro desses novos modelos bancários, elucidando a relevância da utilização dos meios digitais nas negociações, serviços e produtos fornecidos no mercado.

Diante do exposto, justifica-se a aplicação dos índices econômico-financeiros, uma vez que ainda existem lacunas a serem exploradas nessa área, podendo ser útil as futuras tomadas de decisões por parte dos *stakeholders* das instituições financeiras digitais (FURTADO *et al.*, 2020). Quanto ao enfoque metodológico, a pesquisa apresenta-se como descritiva, documental e bibliográfica, além de analisar as especificidades dos dois bancos digitais selecionados no Ranking de Bancos e Financeiras com mais de quatro milhões de clientes no segundo trimestre de 2020 publicado pelo Banco Central, o que por sua vez, caracteriza uma abordagem qualitativa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 EXPANSÃO DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

No intuito de elucidar a conceituação legal das entidades financeiras, ressalta-se o disposto na Lei nº 4.595/64, que trata acerca da Política e das Instituições Monetárias, Bancárias e Creditícias, criando o Conselho Monetário Nacional e estabelecendo outras providências.

Assim, em seu artigo 17, a referida Lei aduz que:

Art. 17. Consideram-se instituições financeiras, para os efeitos da legislação em vigor, as pessoas jurídicas públicas ou privadas, que tenham como atividade principal ou acessória a coleta, intermediação ou aplicação de recursos financeiros próprios ou de terceiros, em moeda nacional ou estrangeira, e a custódia de valor de propriedade de terceiros.

Parágrafo único. Para os efeitos desta lei e da legislação em vigor, equiparam-se às instituições financeiras as pessoas físicas que exerçam qualquer das atividades referidas neste artigo, de forma permanente ou eventual (BRASIL, 1964).

Nesse sentido, o construto legal supracitado tenciona classificar as entidades monetárias em função das atividades por elas exercidas sem, contudo, prever a possibilidade de reconhecer legitimidade a qualquer ente baseado exclusivamente na equivalência das ações por este praticadas (SOUZA; TAVEIRA, 2015).

No que se refere a atuação desse segmento em cenário nacional, Marques (2019), ressalta que nas últimas décadas, as entidades financeiras têm se desenvolvido na busca pela liderança de um mercado instável, que demanda transformações profundas no que diz respeito ao relacionamento com clientes, segurança e consolidação de seus processos. Todavia, tal expansão foi fragilizada frente à volatilidade crescente da moeda nacional, desequilíbrio fiscal e níveis de inflação excessivos. Nesse contexto, após algumas tentativas frustradas de crescimento econômico, o Brasil retornou aos trilhos, controlando a inflação e, conseqüentemente, estabilizando os preços.

Porém, as estratégias realizadas não foram suficientes para manter essas instituições ajustadas a este novo cenário. Logo, houve rompimento de bancos, gerando diversos custos. Nesse ínterim, importa ressaltar que as ações bancárias comumente são marcadas por este conflito referente a busca pela valorização do capital e a estabilidade de seu sistema, tornando, por vezes, essa expansão oscilante. Contudo, com a modernização do sistema financeiro, reformas institucionais, modificações normativas trazidas pelo BACEN (2019), tais fragilidades foram amenizadas e o sistema bancário começou a adotar estratégias que impulsionaram fusões de grandes bancos, sendo também adquiridas instituições de médio porte por parte dos grandes centros financeiros, promovendo uma alta concentração deste mercado.

Nesse entendimento, importa ressaltar que o sistema bancário, por meio de suas instituições, busca transformar suas atividades através de investimentos no campo tecnológico, se reinventando e inovando neste novo mercado. Logo, as mudanças tecnológicas são base para esses novos desdobramentos no setor econômico-financeiro dessas instituições.

Dessa forma, observa-se que as inovações bancárias pretendem alcançar maior eficiência frente a esse mundo digital, promovendo adaptações em seus modelos de negócios, tendo em vista a grande quantidade de instituições financeiras e a concorrência dentro deste mercado revestido pela tecnologia, objetivando uma melhoria nas relações, na comunicação, no acesso a digitalização, levando a interações com os consumidores de modo a simplificar a prestação de serviços e propiciar canais de atendimento de qualidade, procurando também desenvolver meios de dirimir os riscos nesse âmbito.

Diante do exposto, constata-se que as instituições financeiras, aliadas ao desenvolvimento tecnológico, procuram se encaixar neste novo cenário digital, convertendo seus antigos modelos dentro de uma nova sistemática trazida por esse ambiente da tecnologia.

2.2 BANCOS DIGITAIS

Em 2014, os bancos digitais surgem no espaço tecnológico nacional (FURTADO; MENDONÇA, 2020) como meio inovador, fazendo parte de um panorama de alterações do setor bancário, onde os serviços são realizados pela internet (MARCELINO, 2018; MARQUES, 2019). Nessa perspectiva, os bancos digitais são envolvidos por um sistema de automação em seus procedimentos e por atividades em rede, permitindo várias composições de ações bancárias. Ademais, Andrade (2019) explana que o banco digital além de apresentar um

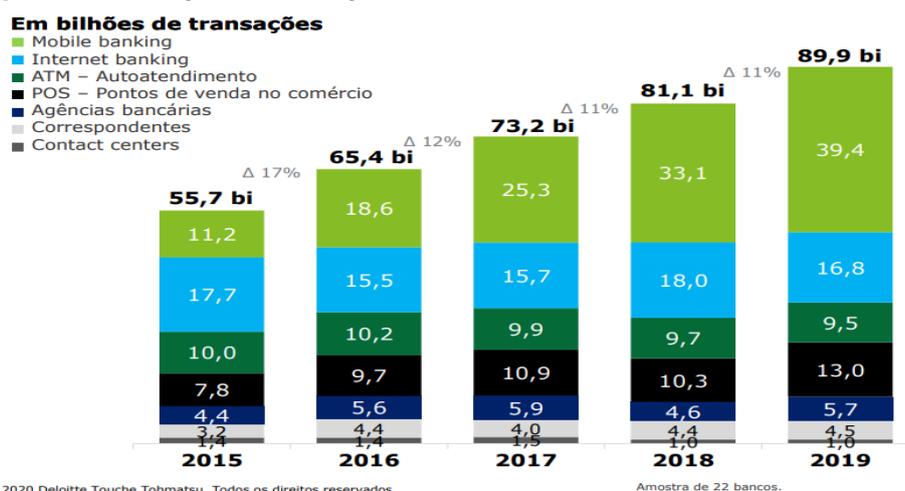
serviço especificamente online, por vezes, cativa os seus usuários por meio de isenções de tarifas que frequentemente são requeridas pelos bancos tradicionais.

Desse modo, referente à estrutura dos bancos digitais, observa-se que, de modo geral, estes não possuem uma estrutura física como os bancos tradicionais, que se exteriorizam por meio de agências e postos de atendimento (NOGUEIRA NETO; ARAÚJO, 2020). Logo, os bancos digitais atuam de modo que o cliente possa realizar, praticamente, tudo de forma virtual, como por exemplo, a abertura de conta, o atendimento e pagamento de boletos. Em virtude disso, estes bancos conseguem oferecer serviços a um preço mais acessível ou até mesmo gratuitos aos usuários. Nesse âmbito, essas instituições digitais estão inseridas nas chamadas fintechs, que são empresas que usam a tecnologia para modificar o mercado financeiro.

Quanto às atividades prestadas pelos bancos digitais, estas variam dependendo de cada instituição, mas também são semelhantes com as atividades de outros bancos, como por exemplo, operações com cartões de crédito, empréstimo, conta digital, sendo oferecidos, por vezes, serviços como cartão de crédito sem anuidade e conta sem tarifas de manutenção.

Nesse aspecto, conforme pesquisa realizada pela FEBRABAN (2020), referente aos serviços de transações bancárias, estas cresceram nos últimos anos, influenciadas pelo Mobile Banking, de acordo com a Figura 1:

Figura 1 - A evolução das transações bancárias



Fonte:FEBRABAN(2020)

Portanto, como se pode observar, as movimentações bancárias por meio de dispositivos móveis foram crescentes, cabendo destaque para os anos de 2018 e 2019, em que as transações nesta modalidade variaram em 11% (81,1 bis a 89,9 bi). Logo, constata-se que as transformações digitais no campo bancário têm ganhado espaço no mercado financeiro, atraindo muitos usuários.

Nesse contexto, os players digitais começaram a consolidar essa característica após o ano de 2017, quando estrearam a conta corrente e da função débito (FURTADO *et al.*, 2020). Ademais, conforme estudo da Kantar (2019), o Brasil está na terceira posição no que se refere ao crescimento da inserção de contas digitais. Nesse sentido, o banco digital Nubank concluiu o ano de 2019 com uma média de clientes acima de 19 milhões, sendo o maior em número de correntistas. Já o Banco Inter atingiu cerca de 4 milhões de clientes no final de 2019 (FURTADO; MENDONÇA, 2020).

Pelo exposto, verifica-se que essas transformações no meio digital comportam um realinhamento referente às novas tecnologias, afetando de forma transversal as entidades, a sistemática dos seus negócios, suas competências, gerando valorização dos clientes, facilitando

a atividade dos funcionários e promovendo uma competição mais eficaz frente a uma economia digital que varia constantemente (SOLIS; SZYMANSKI, 2016). Logo, as transformações digitais propiciam oportunidades tecnológicas que geram crescimento e novos moldes negociais dentro das instituições bancárias (MÉNDEZ; ANDREU; TIRADOR, 2015).

2.2.1 Fintechs

No que se refere às *fintechs*, estas podem ser conceituadas como empresas que se utilizam da tecnologia para prestar serviços financeiros (ANDRADE, 2019). Já no que diz respeito a sua classificação, Marcelino (2018), e Marques (2019), abordam dois tipos inovadores: incrementais e disruptivas.

Quanto às características que diferenciam tais inovações, assim argumenta Marcelino (2019):

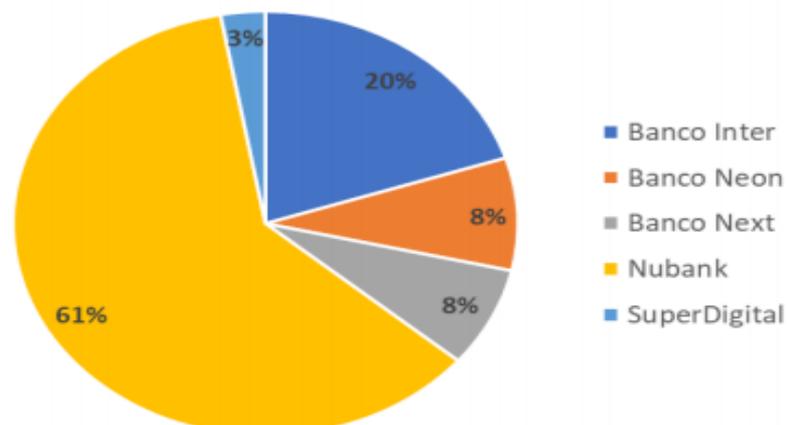
[...] as inovações incrementais não implicam diretamente em uma alteração da proposta de valor da empresa, mas sim de um incremento do produto ou serviço ao cliente. Em contrapartida, as mudanças disruptivas utilizam-se das novas tecnologias como meio de quebra, ruptura de um mercado já existente ao proporcionar um novo valor a seu serviço ou produto, oferecendo aos consumidores maior simplicidade e satisfação.

Portanto, para o autor supracitado, as inovações incrementais propiciam aumento de eficiência em negócios altamente explorados e já consolidados. Por sua vez, no que tange às disruptivas, estas desencadeiam quebra de paradigmas mercadológicos por meio de novas e complexas tecnologias, resultando na abertura de novos mercados, bem como de novos processos.

Nesse âmbito, ao entrarem no mercado, as fintechs e os bancos digitais em específico, conseguiram inovar não só na oferta do atendimento remoto com serviços mais ágeis e interativos ao cliente, mas também na redução dos custos e na escalabilidade com processos operacionais totalmente novos.

Nessa conjuntura, conforme pesquisa de abrangência nacional realizada por Cardoso (2020), em um universo de 105 respondentes, 61% utilizam os serviços prestados pelo Nubank e 20% usufruem das atividades do Banco Inter, de acordo com Figura 2:

Figura 2 - Porcentagem de usuários por Bancos Digitais e Fintechs



Desse modo, ao ofertarem serviços práticos e livres de taxas (ou irrisórias), as fintechs e os bancos digitais, estão conquistando cada vez mais consumidores, que veem seus custos reduzirem e até zerar para algumas operações, o que os torna altamente competitivos.

2.3 INDICADORES DE DESEMPENHO ECONÔMICO - FINANCEIRO APLICADOS AOS BANCOS

No que se refere a devida aplicabilidade dos indicadores de desempenho financeiro-econômico ao setor bancário, Assaf Neto (2015), assegura que a utilização desses indicadores enquanto parâmetros, possibilitam dimensionar nas demonstrações contábeis dessas instituições, os possíveis desempenhos implícitos, além de evidenciarem os seus potenciais pontos fortes e fracos. Nessa conjuntura, observa-se que são variados os indicadores que tratam do referido desempenho, destacando-se os Índices de Liquidez, Rentabilidade e Endividamento dentro do âmbito financeiro, e constata-se que estes possuem características peculiares.

Dentre tais indicadores, analisa-se os índices de liquidez, que aplicados às instituições bancárias, referem-se à capacidade destas de executar as demandas por mecanismos de caixa. Logo, estes índices avaliam a capacidade de determinada instituição cumprir com seus pagamentos de curto e longo prazo (ASSAF NETO, 2015; DIAS, 2016). Desta maneira, os indicadores de liquidez estão descritos no Quadro 1:

QUADRO 1 - Índices de liquidez

Índice	Fórmula	Significado
Índice de liquidez corrente	$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$	Evidencia o potencial de pagamento do banco em curto prazo.
Índice de liquidez seca	$LS = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoque}}{\text{Passivo Circulante}}$	Evidencia o potencial de pagamento do banco em curto prazo, excluindo a conta estoques do ativo circulante, ou seja, se a instituição sofresse uma total paralisação de suas vendas, quais seriam as chances de pagar suas dívidas com Disponível e Realizável.
Índice de liquidez geral	$LG = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Evidencia o potencial de pagamento do banco a Longo Prazo.
Índice de liquidez imediata	$LI = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Ativo Circulante}}$	Demonstra quanto o banco dispõe imediatamente para liquidar suas dívidas

Fonte: Adaptado de Assaf Neto (2015), Marion (2012) e Matarazzo (2010)

Quanto aos índices de Liquidez Imediata, Liquidez Corrente, Liquidez Seca e Liquidez Geral, entende-se possuem em comum, o critério de quanto mais elevado o resultado melhor a performance (DIAS, 2016; QUEIROZ *et al.*, 2020).

Acerca dos indicadores de endividamento, estes têm por objetivo medir o nível de dívidas de determinada empresa (MARION, 2012). Por meio deste índice, é possível analisar como a instituição trabalha para obter recursos, ou seja, se está utilizando mais de recursos

próprios ou recursos de terceiros (MATARAZZO, 2010). Assim, quanto maior o percentual de capital de terceiros pior será a performance da empresa (DIAS, 2016; QUEIROZ *et al.*, 2020).

No Quadro 2, é apresentado os referidos indicadores:

QUADRO 2 - Índices de Endividamento

Índice	Fórmula	Significado
Participação de capitais de terceiros sobre recursos totais	$PCTSRT = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo} + \text{Patrimônio Líquido}}$	Evidencia o percentual do Ativo que é financiado por Capitais de Terceiros.
Garantia do capital próprio ao capital de terceiros	$GCPCT = \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Demonstra a garantia do capital próprio para com o capital de terceiros
Composição de endividamento	$CE = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Expressa o percentual de Capital de Terceiros que se vencem a curto prazo

Fonte: Adaptado de Assaf Neto (2015), Marion (2012) e Matarazzo (2010)

Concernente aos indicadores de rentabilidade, estes analisam o rendimento que uma instituição adquire em determinado tempo. Dessa forma, estes índices são reflexos da análise da demonstração de resultados. O quadro 3 demonstra os referidos índices:

QUADRO 3 - Índices de Rentabilidade

Índice	Fórmula	Significado
Taxa de retorno sobre o investimento	$TRI = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}}$	Avalia a capacidade de ganho do banco.
Taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido	$TRPL = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Avalia a capacidade de ganho dos acionistas.

Fonte: Adaptado de Assaf Neto (2015), Marion (2012) e Matarazzo (2010)

Portanto, os indicadores de desempenho permitem mensurar e avaliar os aspectos e fluxos financeiros dentro de cada instituição, revelando a situação econômica e os impasses que precisam ser sanados no contexto de cada entidade. Desse modo, nota-se a importância destes no cenário bancário (CARDOSO, 2020), visto que as informações auferidas fornecem base indispensável para tomada de decisão dos *stakeholders*.

3 MÉTODO

No que se refere aos objetivos esboçados na presente pesquisa, tem-se que esta é classificada como descritiva, uma vez que procura descrever as características que envolvem um determinado grupo de bancos, apontando relações e diferenças entre eles, além de elucidar os indicadores de desempenho econômico-financeiro que se aplicam a estes, estabelecendo conexões entre variáveis (GIL, 2019).

Ademais, quanto aos procedimentos aplicados, foram adotadas as pesquisas bibliográfica e documental (FREITAS; PRODANOV, 2013), pois o trabalho foi elaborado com base em materiais já publicados, como livros, artigos científicos, teses, monografias, revistas e dissertações, além de abordar materiais sem considerar discussões secundárias, como a apresentação de relatórios financeiros dos principais bancos digitais no período de 2018 a 2020.

Com relação à temporalidade, constata-se que a pesquisa é identificada como longitudinal (APPOLINÁRIO, 2007), pois tal definição é apropriada para descrever a proposta de examinar aspectos comuns (às demonstrações contábeis) dentro de um mesmo conglomerado de instituições (bancos digitais), num longo período de tempo.

Em se tratando da natureza, a pesquisa se caracteriza como qualitativa (RAUPP; BEUREN, 2013), já que se trata de um estudo não estatístico, que visa analisar as implicações econômicas para dois bancos digitais, com base em seus relatórios contábeis.

Assim, define-se como população desta pesquisa, os bancos digitais com atuação no Brasil. E como amostra, o banco Inter e o Nubank, ambos com mais de 4 milhões de clientes em 2020, conforme a Tabela 1:

Tabela 1 - Bancos digitais com mais de 4 milhões de clientes

	Posição	Índice de reclamações	Total de clientes
INTER	3º	97,92	5.688.290
NUBANK	16º	0,18	5.367.754

Fonte: Adaptada de BACEN (2020)

A Tabela 1 esboça o total de clientes cadastrados no Sistema financeiro Nacional no período de referência, bem como as reclamações divididas pelo número de clientes e multiplicadas por mil. Tais dados foram adaptados a partir do Ranking de Instituições bancárias e financeiras com mais de 4 milhões de clientes ranqueados por Índice de reclamações, dispostas no site do Banco Central, no dia 06 de outubro de 2020.

Por sua vez, os dados foram coletados a partir dos demonstrativos contábeis publicados nos três últimos exercícios, e que foram tratados através de exames feitos em uma planilha da ferramenta Excel, com base nos índices de liquidez, rentabilidade e endividamento aplicados aos bancos ao longo de três exercícios (2018, 2019 e 2020).

Posteriormente, objetivando evidenciar as relevantes conclusões, os dados foram interpretados conforme os procedimentos descritos na revisão de literatura para as devidas apurações, e, obtidos os resultados, foram apresentados em tabelas para confrontação com a literatura supra exposta e descrição avaliativa dos objetivos alcançados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados colhidos nos Balanços Patrimoniais e Demonstrações do Resultado, apresentados pelos bancos digitais INTER S.A. e NU PAGAMENTOS S.A, no período de 2018 a 2020, procedeu-se com os ajustes das somas, visto que os métodos de interpretação e disposição de cada grupo de contas dos relatórios financeiros mostraram particularidades, dentre as quais, a diferenciação entre exigibilidade e liquidez por um banco, e a mescla entre valores do circulante e do não circulante atendendo apenas ao critério de liquidez para ordenar o seu plano. Feitas as devidas adequações com base nas Notas Explicativas, efetuou-se o cálculo dos índices econômico-financeiros comparando as informações obtidas nestes exercícios.

4.1 ÍNDICES DE LIQUIDEZ

Dentre os índices econômico-financeiros utilizados como parâmetros, tem-se os de liquidez, quais sejam: Liquidez Corrente, Liquidez Imediata, Liquidez Seca e Liquidez Geral. Nesse sentido, a Tabela 2 apresenta os índices de Liquidez Corrente e Imediata.

Tabela 2 - Índices de liquidez Corrente e Imediata dos bancos digitais de 2018 a 2020

	Liquidez Corrente			Liquidez Imediata		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Inter	1,14	1,20	0,81	0,33	0,39	0,13
Nubank	43,32	55,63	55,76	0,02	0,02	0,01

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os dados analisados em cada demonstrativo, e dispostos na tabela 2, evidenciam as particularidades no que concerne ao potencial de liquidez corrente destes bancos. Enquanto, respectivamente, o Inter dispõe de R\$1,14 em 2018, R\$1,20 em 2019 e R\$0,81 em 2020, frente a cada R\$1,00 de obrigações no curto prazo, o Nubank expressa a soma de R\$43,32 no primeiro, R\$55,63 no segundo e R\$55,76 no terceiro para cada R\$1,00 devido em cada exercício.

A maior média obtida de liquidez corrente no período foi R\$51,57 pelo banco Nubank, e a menor média obtida foi de R\$1,05 pelo banco Inter. Tais dados vão de encontro aos resultados para bancos digitais obtidos por Andrade (2019), e demonstram que, excetuando o resultado do Inter em 2020, ambos possuem meios para liquidar suas dívidas no curto prazo (ASSAF NETO, 2015). No entanto, o banco digital Inter demonstrou uma constante diminuição de sua liquidez e findou o triênio com margem negativa em virtude das implementações de políticas de proteção cambial adotadas pela gestão, conforme Notas Explicativas.

Os índices de liquidez imediata identificados na Tabela 2, demonstram condições similares para o Inter e o Nubank, pois o primeiro possui R\$0,33 em 2018, R\$0,39 em 2019 e R\$0,13 em 2020 em disponibilidade para a liquidação de cada R\$1,00 em dívidas iminentes nestes exercícios. Quanto ao segundo, conta com disponíveis na proporção de R\$0,02 em 2018, R\$0,02 em 2019 e 0,01 em 2020 para cada R\$1,00 de obrigações no curtíssimo prazo. Assim, a maior média obtida de liquidez imediata no período foi R\$0,28 pelo banco Inter, e a menor média obtida foi de R\$0,01 pelo banco Nubank.

Tais resultados refletem decisões das gestões de optarem por investir em crescimento no curtíssimo prazo, ao invés de priorizar a disposição do seu caixa e equivalentes ou de suas aplicações de resgate imediato para assegurar suas obrigações, enquanto objetivam a liderança de um mercado instável (MARQUES, 2019). Ainda assim, corroboram com a análise de Assaf Neto (2015), ao elucidar que esses indicadores, na medida em que são utilizados como parâmetros, promovem a avaliação do desempenho econômico-financeiro nas demonstrações contábeis dessas instituições, demonstrando os elementos positivos e negativos que podem se tornar implícitos com a ausência dessas verificações de forma aprofundada.

Na Tabela 3, foram expostos os índices de liquidez Seca e Geral dos Bancos digitais de 2018 a 2020.

Tabela 3 - Índices de liquidez Seca e Geral dos Bancos digitais de 2018 a 2020

	Liquidez Seca			Liquidez Geral		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Inter	1,14	1,20	0,81	1,15	1,22	0,82

Nubank	43,32	55,63	55,76	0,43	1,04	1,03
--------	-------	-------	-------	------	------	------

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os dados referentes aos índices de liquidez Seca do Inter e do Nubank de 2018 a 2020, demonstram que em um cenário hipotético de paralisação dos serviços e negociações mantidas por estes bancos, o Inter disporia de R\$1,14 em 2018, de R\$1,20 em 2019, e de R\$0,81 em 2020 para a liquidação de cada R\$1,00 de suas obrigações em cada exercício, obtendo média de R\$ 1,05 no triênio.

Conforme os resultados provenientes dos demonstrativos do Nubank, para as mesmas condições hipotéticas, a proporção de disponíveis excetuando-se os estoques para pagamento de cada R\$1,00 de dívida no curtíssimo prazo, é de R\$43,32 em 2018, de R\$55,63 em 2019 e R\$55,76 em 2020, apresentando média de R\$51,57 no período total. A similaridade entre os índices de liquidez seca e liquidez corrente desses bancos se deve à composição de seus ativos circulantes, não sendo possível identificar no período de 2018 a 2020, os estoques necessários para a obtenção dos resultados conforme fórmula apresentada por Matarazzo (2010), a qual consiste na subtração dos estoques do Ativo Circulante, e a divisão deste pelo Passivo Circulante.

Para o índice de Liquidez Geral, que determina a capacidade de liquidar as obrigações imediatas e de prazo extenso a partir do Ativo circulante e do Realizável a longo prazo, os resultados revelaram que para cada R\$1,00 de curto e longo prazo, o Inter se vale de R\$1,15 em 2018, R\$1,22 em 2019 e apenas R\$0,80 em 2020 de Ativo circulante somado ao realizável a longo prazo.

O Nubank, entretanto, mesmo mantendo resultados líquidos negativos, apresentou crescimento considerável, pois detém entre Exigíveis a longo prazo e Ativo Circulante a proporção de R\$ 0,43 em 2018, R\$1,04 em 2019 e R\$ 1,03 em 2020, para cada R\$1,00 de exigências gerais. As médias para o triênio correspondem a R\$1,06 para o Inter e R\$0,83 para o Nubank. Assim, entende-se que apesar do Índice apresentar posição líquida maior para o banco digital Nubank de 2020, o Inter apresentou a maior média de liquidez Geral considerando-se o período de 2018 a 2020. Essas análises vão de encontro com o entendimento de Dias (2016), e Queiroz *et al.*, (2020), que entendem a melhor performance com base no resultado mais elevado.

4.2 ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO

Em se tratando dos Índices que visam demonstrar a situação atual dos bancos quanto ao endividamento, tem-se: a Composição de endividamento (CE), a Garantia por capital próprio sobre o capital de terceiros (GCPCT) e O Índice de participação de capitais de terceiros sobre o retorno total (PCTSRT). No que diz respeito à aplicação desses índices, seguem dispostos na Tabela 4:

Tabela 4- Índices de Endividamento dos bancos digitais de 2018 a 2020

	CE			GCPCT			PCTSRT		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Inter	100%	100%	100%	19,87	27,36	20,25	83,42%	78,52%	83,16%

Nubank	93,30%	93,30%	96,62%	11,20	4,02	2,97	89,93%	96,14%	97,12%
--------	--------	--------	--------	-------	------	------	--------	--------	--------

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Conforme a tabela 4, os dados do Inter demonstram que o percentual de capital de terceiros a vencer no curto prazo é de 100% no período de 2018 a 2020. Isso ocorre por não haver referência a valores de Passivo não circulante na composição de seus Balanços Patrimoniais. Quanto aos resultados do Banco digital Nubank para este índice, o percentual de capital de terceiros a vencer no curto prazo é de 93,30% em 2018, se repetindo em 2019 e chegando a 96,62% em 2020. Assim, enquanto a média para o triênio do Banco digital Inter é de 100%, o Banco digital Nubank perfaz uma média de percentual de capital estrangeiro a vencer no curto prazo de 94,41%. Considerando que tais resultados são elevados, entende-se que a performance dos bancos no curto prazo é desfavorável por depender majoritariamente do capital de terceiros (DIAS, 2016; QUEIROZ *et al.*, 2020). Entretanto, estes dados são justificáveis na visão de Assaf Neto (2015), que explica as operações do setor bancário como financiadas prioritariamente por capital estrangeiro visando aplicar o capital próprio em proteção de risco e em estratégias de crescimento.

Os resultados para o GCPCT revelam que para cada R\$1,00 de recursos estrangeiros, o Banco Inter possui R\$ 19,87 em 2018, R\$27,36 em 2019 e R\$20,25 em 2020 de Capital próprio como garantia. Já o Banco Nubank, dispõe de capital próprio como garantia os valores de R\$11,20 em 2018, R\$4,02 em 2019 e R\$2,97 em 2020, para cada R\$1,00 de capital de terceiros. Portanto, a maior média GCPCT no triênio pertence ao Banco digital Inter 22,49 frente à média 6,06 do Banco digital Nubank no mesmo período. Tais análises condizem com o entendimento de Assaf Neto (2015), que pontua a necessidade de garantir recursos próprios sobre o capital de terceiros e trata como saudável as dívidas de crescimento e a utilização de recursos para dirimir os riscos de crédito e riscos de mercado.

Para o Índice de participação de capitais de terceiros sobre recursos totais, os dados resultantes das análises evidenciam que o Banco Inter mantém financiado por capitais de terceiros, aproximadamente 83,42% em 2018, 78,52% em 2019 e 83,16% em 2020 do ativo de cada ano. Quanto ao Nubank, seus dados expressam o financiamento do Ativo por capitais de terceiros em torno de 89,93% em 2018, 96,14% em 2019 e 97,12% em 2020. A maior média obtida para o período de 2018 a 2020, foi do Nubank de 94,40%, que é 12,70% superior à média de 81,70% obtida pelo Inter para o mesmo triênio. Conforme os dados encontrados para o PCTSRT, é alto o risco implícito nas operações desses bancos, porém, justificáveis já que a captação dos recursos se destinam prioritariamente a implementação tecnológica e manutenção das contas digitais oferecidas aos clientes (FURTADO; MENDONÇA, 2020).

4.3 ÍNDICES DE RENTABILIDADE

Para a evidenciação dos Índices de rentabilidade dos Bancos Inter e Nubank entre os anos de 2018 e 2020, conforme os indicadores de Taxa de retorno sobre o capital investido (TRI) e a Taxa de retorno sobre o patrimônio líquido (TRPL), dispõe-se da Tabela 5:

Tabela 5- Índices de Rentabilidade dos bancos digitais de 2018 a 2020

	TRI			TRPL		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020

Inter	0,99%	0,58%	0,15%	5,98%	2,69%	0,92%
Nubank	-0,94%	-1,21%	-0,46%	-9,33%	-31,21%	-16,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os Bancos digitais seguem estratégias distintas para a consolidação de suas operações. Visto que o Inter optou pela transformação de uma instituição financeira tradicional para Banco digital encolhendo os lucros para investir no alinhamento de seus objetivos e da sistemática dos seus negócios, implementando novas competências, com foco em agregar valor aos clientes digitais, facilitando a atividade dos funcionários e promovendo uma competição eficaz frente a um cenário digital volátil (SOLIS; SZYMANSKI, 2016). Nesse mesmo quesito, o Nubank mantém prejuízos líquidos consecutivos para custear uma expansão acelerada com generosos investimentos em tecnologias, agregando novos moldes negociais dentro das instituições bancárias (MÉNDEZ; ANDREU; TIRADOR, 2015).

Na visão de Assaf Neto (2015), o indicador TRI mede o poder de lucro do banco em cada período abrangido pelas demonstrações contábeis. Assim, a Taxa de retorno sobre o capital investido do Inter apresentou percentual de 0,99% em 2018, 0,58% em 2019 e 0,15% em 2020, para cada R\$ 1,00 investido. Já o Nubank, apresentou valores negativos, sendo -0,94% em 2018, -1,21% em 2019 e -0,46% em 2020, não havendo assim, retorno para o capital investido no mesmo triênio. Portanto, o Inter detém a média de 0,57% sendo superior a pontuação de -0,87% obtida pelo Nubank.

Os dados auferidos para a Taxa de retorno sobre o patrimônio líquido evidenciam que para cada R\$100,00 reais investidos no Banco Inter, o proprietário lucrou 5,98% em 2018, 2,69% em 2019 e 0,92% em 2020. Quanto ao Nubank, seus proprietários tiveram déficit de -9,33% em 2018, -31,21% em 2019 e -16% em 2020 para cada R\$100,00 investidos no Banco digital. Ou seja, não houve retorno do capital investido neste triênio. A melhor média de retorno, portanto, é do Banco Inter, com 3,20% de retorno para cada R\$100,00 investidos no triênio, fazendo frente ao percentual negativo de -18,85% do Nubank no mesmo período.

Conforme Marion (2012) e Matarazzo (2010), estes indicadores evidenciam o lucro obtido para a empresa e para os investidores em cada operação bancária. Contudo, os gestores do Nubank estrategicamente optaram por alavancar a instituição digital em detrimento de apresentar prejuízos consecutivos que se somaram aos efeitos do cenário pandêmico mundial, afetando também os resultados do Banco Digital Inter e demais instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto, evidencia-se que os bancos digitais são ferramentas tecnológicas essenciais nos tempos hodiernos, promovendo acesso facilitado aos usuários com serviços e produtos simplificados a custos baixos e oxigenando o mercado financeiro com a rápida adesão de seus clientes e alta rentabilidade.

Isto posto, a pesquisa realizada buscou analisar o desempenho econômico-financeiro dos principais bancos digitais, no período de 2018 a 2020, comparando os índices de Liquidez, Rentabilidade e Endividamento aplicados aos relatórios financeiros consolidados destes, que por sua vez, apresentaram resultados divergentes entre si e similares se comparados aos estudos anteriores.

Quanto às similaridades, as análises constataram margens de liquidez satisfatórias tanto no Banco Inter quanto no Nubank. Entretanto, os resultados encontrados para os índices de endividamento destacam que ambos dependem consideravelmente do capital de terceiros, que o decréscimo do lucro no Banco Inter em 2020 se deveu ao aumento de despesas e a utilização de mecanismos de proteção financeira (*hedge*), enquanto o Nubank aposta na manutenção dos resultados negativos, visando o investimento em crescimento exponencial.

O presente trabalho contribuiu para a construção do conhecimento econômico-financeiro no âmbito das instituições financeiras digitais, uma vez que possibilitou examinar as demonstrações contábeis dos principais Bancos digitais por meio da aplicação de três indicadores, ressaltando o comportamento destes em um período de incertezas e mudanças significativas. Ademais, o estudo agregou a tomada de decisão ao pontuar as implicações sociais do modelo financeiro digital representado pelos bancos Inter e Nubank para os usuários brasileiros e demais *stakeholders*.

No que se refere a limitações percebidas na pesquisa, os resultados podem divergir dos obtidos entre outros bancos, pois somente foram considerados os bancos digitais brasileiros com mais de 4 milhões de clientes em 2020, entre os quais, o banco Inter e o banco Nubank, que apresentaram desempenhos representativos conforme os resultados obtidos por estudos anteriores (CARDOSO, 2020). Outrossim, a amostra se restringiu a dois bancos digitais do setor privado em virtude de as entidades financeiras do setor público dependerem consideravelmente dos espaços físicos e manterem relacionamentos presenciais.

Portanto, para estudos posteriores relacionados ao tema, sugere-se ampliar a amostra para incluir as *fintechs* em âmbitos nacional e internacional, analisando o desempenho por outros indicadores, além de explorar variáveis como o perfil de clientes e sua relação com a missão, visão, valores e objetivos defendidos pelas instituições financeiras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Iran Jefferson Firmino de. **Avaliação de desempenho financeiro dos bancos digitais e dos bancos tradicionais**. 2019. 37 Monografia (graduação em c. Contábeis) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17323/1/IJFA24042020.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica: um guia prático para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2007.
- ASSAF NETO, A. **Estrutura e Análise de Balanço: um enfoque econômico e financeiro**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **PROER**: programa estimula a reestruturação de bancos. Brasília, DF: BACEN, 2019. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2F%2Fwww.bcb.gov.br%2Fhtmlms%2Fproer.asp>. Acesso em: 06 out.2020

BANCO CENTRAL **Ranking de Bancos e Financeiras com mais de quatro milhões de clientes no segundo trimestre de 2020**. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/ranking/?wicket:interface=:10:1:::> Acesso em: 06 out. 2020.

BRASIL. Lei nº 4.595, de 31 de dezembro de 1964. Dispõe sobre a Política e as Instituições Monetárias, Bancárias e Creditícias, Cria o Conselho Monetário Nacional e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 31 dez. 1964. Disponível em: <http://www.in.gov.br> .Acesso em: 05 out 2020.

CARDOSO, F. B. **Qualidade no ecossistema das fintechs: A percepção dos clientes brasileiros de contas digitais**. Brasília, UniCEUB, 2020.

DIAS, J. M. L. **Setor de telecomunicações da BM&FBovespa: um estudo comparativo dos índices econômicos e financeiros**. 2016. 25 f. Artigo (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/14870> Acesso em: 05 out. 2020

FEBRABAN. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2020 (ano-base 2019)**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://cmsportal.febraban.org.br/Arquivos/documentos/PDF/Pesquisa%20Febraban%20e%20Tecnologia%20Banc%C3%A1ria%202020%20VF.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.

FINTECHLAB. **Radar FintechLab Brasil 2020**. São Paulo. Disponível em: <https://fintechlab.com.br/index.php/2020/08/25/edicao-2020-do-radar-fintechlab-detecta-270-novas-fintechs-em-um-ano/> Acesso em: 05 out. 2020.

FURTADO, Estevam de O. MENDONÇA, Vítor L. A. **Dinâmica competitiva entre bancos tradicionais e bancos digitais no Brasil: uma perspectiva do cliente** – Rio de Janeiro: UFRJ/Escola Politécnica, 2020.

FURTADO, F. S. CARVALHO, J. L. RIBEIRO, M. C. SANTOS, T. L. **Análise Comparativa do Desempenho de Bancos Tradicionais e Bancos Digitais no Período de 2016 a 2018**. In: 10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças e 3º UFSC INTERNATIONAL ACCOUNTING CONGRESS, 10,3,2020, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2020. P. 1-17. Disponível em: http://dvl.ccn.ufsc.br/10congresso/anais/10CCF/20200630235702_id.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KANTAR. **De tijolos a cliques: o impacto dos neobanks até agora**. 2019. Disponível em: <https://pg55h2l6tmz7u3mmdt5ork63xq-adv7ofecxzh2qqi-www2-kantar-com.translate.google/future-finance-neobanks-2019> Acesso em: 4 dez. 2020

MARCELINO, J. **Análise da eficiência e retorno das estratégias digitais das fintechs: Uma comparação entre o banco Inter e instituições tradicionais**. 2018. 101 f. Monografia (Graduação em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2018.

MARION, J. C. **Análise das Demonstrações Contábeis**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARQUES, Frank Borges. **Bancos digitais X bancos tradicionais**: uma análise das implicações causadas pelos bancos digitais no mercado bancário brasileiro. 2019. 64 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Organizacional) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.1011>. Acesso em: 05 out. 2020.

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MÉNDEZ, S. G.; ANDREU, T. A.; TIRADOR, J. L. **Transformação digital**: A arte de pensar como uma Startup. Madrid: Desenvolvendo ideias, 2015.

NOGUEIRA NETO, Adriano M. ARAUJO, B. Andrade. **Transformação digital no sistema bancário brasileiro**: um estudo sobre as fintechs – Rio de Janeiro: UFRJ/ Escola Politécnica, 2020.

PRODANOV, Cleber C. FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Rosilania S. de. ALMEIDA, Cassio R. da C. OLIVEIRA, Adriana M. de. VALDEVINO, Rosângela Q. S. Análise das demonstrações contábeis para partidos políticos. **Qualitas Revista Eletrônica**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 126-146, dec. 2020. ISSN 1677-4280. Disponível em: doi:<http://dx.doi.org/10.18391/req.v21i2.5733>. Acesso em: 09 out. 2021.

RAUPP, F.; BEUREN, I. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade**: Teoria e Prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SOLIS, B. e SZYMANSKI, J. **The 2016 State Of Digital Transformation**. Grupo de altímetro. On line. 2016. Disponível em: <https://www.vmware.com/cio/advantage/wp-content/uploads/2017/03/A-2016- Estado -of- Digital -Transformation- Altimeter .pdf> Acesso em: 04 dez. 2020.

SOUZA, Eduardo F. TAVEIRA, Bruno H.T. **Instituições financeiras sob uma análise funcional**. **Revista Brasileira de Direito Empresarial** | e-ISSN: 2526-0235 | Minas Gerais | v. 2 | n. 1 | p.297-320 | Jul/Dez 2015.

TAURION, Cezar. **O Primeiro Passo**: transformação digital como base para os negócios pós digitais no século 21. 2016 Rio de Janeiro: Editora Cezar Taurion, 105 p.